

Governança União corre contra o tempo para encontrar nomes para principais cargos na estatal

Pires desiste e assessor de Guedes ganha força para presidir Petrobras

**Andrea Jubé, Rafael Bitencourt
Francisco Góes e Gabriela Ruddy**
De Brasília e do Rio

Depois de o empresário Rodolfo Landim ter desistido, no domingo, de concorrer à presidência do conselho de administração da Petrobras, ontem foi a vez do economista Adriano Pires, também indicado pela União, abandonar a candidatura a presidente-executivo da companhia. Pires comunicou a decisão na manhã de ontem ao Palácio do Planalto, segundo apurou o **Valor** com fontes do governo.

No começo da noite, o Ministério de Minas e Energia (MME), ao qual a Petrobras está subordinada, confirmou que recebeu carta de Pires declinando a indicação. Na carta, Pires alega que ficou claro para ele, depois de iniciar procedimentos para se desligar de sua empresa, que não poderia conciliar o trabalho como consultor com a presidência da Petrobras. "Ao longo do processo, percebi que infelizmente não tenho condições de fazê-lo em tão pouco tempo", escreveu ele. O recuo de Pires joga a Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária (AGO) da Petrobras, marcada para a semana que vem, em clima de grande incerteza.

Ontem à noite o **Valor** confir-

mu que o secretário especial de desburocratização, gestão e governo digital, Caio Mario Paes de Andrade, homem de confiança do ministro da Economia, Paulo Guedes, voltou a ser cogitado para a presidência da Petrobras. Ele esteve entre os cotados quando a escolha recaiu sobre Pires.

Faltando pouco mais de uma semana para a reunião de acionistas da petroleira, o governo corre contra o tempo para encontrar substitutos para os dois principais cargos na alta administração da empresa: o de "chairman" e o de CEO, agora vagos. Landim e Pires desistiram depois de surgirem questionamentos sobre conflitos de interesse que ambos teriam ao assumir as posições na estatal. A primeira tarefa da União, como controladora, será apontar os substitutos. A partir daí, haverá pouquíssimo tempo até a assembleia para que o comitê de elegibilidade (Celeg), vinculado ao Comitê de Pessoas (COPE) da Petrobras, verifique se as novas indicações atendem às exigências legais e à política de nomeações da estatal.

Hoje está prevista uma reunião do COPE e também do Celeg, separadamente, na qual devem ser avaliados os nomes da chapa da União que permanecem na disputa. Eram oito e ficaram seis depois da desis-

tência de Landim e Pires. Fontes disseram que Pires se apressou em desistir porque havia risco de ser rejeitado pelo Celeg e pelo COPE. Seguem no páreo até agora pela União: Ruy Schneider, Sônia Villalobos, Márcio Andrade Weber, Carlos Eduardo Lessa Brandão, Luiz Henrique Caroli e Eduardo Karrer. Há também sete candidatos dos minoritários a serem avaliados. A análise de integridade e conformidade dos nomes ainda no páreo será realizada, mas faltará fazer o mesmo para o "chairman" e para o CEO até quarta-feira que vem, dia previsto para a assembleia.

A eleição dos 11 integrantes do conselho de administração da Petrobras para um mandato de dois anos, até abril de 2024, está prevista no item quatro da Assembleia Geral Ordinária (AGO), que também vai aprovar as demonstrações financeiras da empresa em 2021 e eleger o conselho fiscal. A AGE, no mesmo dia, tem outra pauta, incluindo a reforma do estatuto social da companhia. Ontem o clima entre investidores era de dúvida sobre o que pode acontecer.

Parte dos investidores considera que, em um eventual quadro de dificuldades para viabilizar os principais nomes da administração, a União poderia retirar o item qua-

tro da AGO da pauta do dia e convocar nova assembleia a ser realizada dali a 30 dias. É um cenário que interessa, sobretudo, a candidatos dos minoritários que ficaram fora do boletim de voto a distância (BVD), mecanismo muito usado por investidores estrangeiros. Ao ficar de fora do boletim, o candidato reduz as chances de eleição. Uma nova assembleia daria tempo de incluir novos nomes no BVD, inclusive alguns da União.

Até o fechamento desta edição a União não havia apontado os nomes dos candidatos para substituir Landim e Pires. Se a indefinição se estender por mais tempo, minoritários podem levar à União proposta de "solução interna" segundo a qual a escolha do "chairman" e do CEO se daria entre os integrantes do conselho de administração da Petrobras. A medida buscaria reduzir as incertezas pelas quais a companhia vem passando.

Em 5 de março, a União anunciou a troca do atual presidente do conselho da estatal, almirante Eduardo Bacellar Ferreira, por Rodolfo Landim. No dia 28, Bolsonaro demitiu o atual presidente da Petrobras, Joaquim Silva e Luna, indicando Adriano Pires no seu lugar. Agora Landim e Pires desistiram, o que vai exigir que o MME apresente

nova composição de chapa, a terceira, em menos de um mês.

Nas últimas semanas, surgiram novos candidatos dos minoritários. Dois devem concorrer pelo sistema de voto múltiplo enfrentando diretamente os oito candidatos da União pelas vagas. São eles Juca Abdalla e Marcelo Gasparino. Ganha quem tiver mais votos e dois ou até três nomes da União podem sobrar. Em outra frente, os minoritários vão se enfrentar entre si na eleição em separado do controlador em que a União não vota. Serão três candidatos para uma vaga nas ações ordinárias e dois concorrentes para uma vaga nas preferenciais.

Pela lei, um acionista não pode usar as mesmas ações para votar duas vezes em uma assembleia. Investidores reclamam que relatório da empresa de recomendação de voto ISS estaria induzindo investidores estrangeiros a erro ao fazê-los acreditar que podem usar as ações para escolher candidatos pelo voto múltiplo e, ao mesmo tempo, pela eleição em separado do controlador para votar valendo-se do "proxy card", cédula usada por donos de ADRs (American Depositary Receipts). Procurada, a ISS não se pronunciou. **(Colaborou Lu Aiko Otta, de Brasília).**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP**Seção:** Empresas **Caderno:** B **Página:** 1